

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAROLINE DE SOUZA COELHO**

**OUTRO PÔR DO SOL:**

**Constituindo uma ideia de docência na Educação Infantil em um contexto de vulnerabilidade social.**

**Porto Alegre**

**2018**

CAROLINE DE SOUZA COELHO

**OUTRO PÔR DO SOL:**

**Constituindo uma ideia de docência na Educação Infantil em um contexto de vulnerabilidade social.**

Relato de Experiência apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Me. Queila Almeida Vasconcelos

Porto Alegre

2018

## OUTRO PÔR DO SOL:

### Constituindo uma ideia de docência na Educação Infantil em um contexto de vulnerabilidade social.

Caroline de Souza Coelho\*

Queila Almeida Vasconcelos\*

**Resumo:** Este relato de experiência foi escrito com a intenção de compartilhar os diversos percursos da minha caminhada com um grupo de crianças de Educação Infantil da pré-escola de uma escola municipal da cidade de Porto Alegre. Tendo como objetivo narrar as estratégias encontradas por mim e pelas crianças ao longo deste período na busca de estabelecer vínculos e compartilhar experiências que pudessem qualificar o tempo vivido na escola. Dedico-me em dar ênfase para três aspectos dessa trajetória: a importância da relação de empatia com as crianças; a potência das infâncias dos meninos e das meninas em contextos de vulnerabilidade social; e a necessária parceria pedagógica que pode ser constituída entre os adultos na escola.

**Palavras-chave:** Escuta, Participação infantil, Estratégias de resistência; Parceiros pedagógicos.

#### ***“Tu me ajuda a fazer uma carta?”: histórias em comum que conduzem à empatia***

Em agosto de 2016 fui nomeada para assumir como docente na rede Pública de Porto Alegre, era um sonho que se concretizava, afinal minha formação inicial da Educação Infantil até quase o final do ensino fundamental havia se dado naquele espaço, sabe aquele ditado “O bom filho a casa torna?” era mais ou menos isso, eu carregava comigo o desejo de fazer pelas crianças o que alguns professores haviam feito por mim na minha infância.

Em março de 2017 assumi uma turma com 25 crianças em uma escola situada na periferia da Zona Sul, aquele lugar ficava a apenas 15 minutos de distância da minha casa, mas em alguns momentos ele parecia um mundo paralelo ao meu. As situações que eu vivenciava neste lugar eram muito distantes das minhas experiências anteriores e

---

\* Graduada em Pedagogia Plena pela Universidade Castelo Branco RJ, Pós-Graduada Psicopedagogia Clínica e institucional pela UNIASSELVI. caroline\_souzac@hotmail.com

\* Graduada em Pedagogia pela FURG, Mestre em Educação pela UFRGS. Professora substituta do Departamento de Estudos Especializados da Universidade federal do Rio Grande do Sul. queilalmeida@hotmail.com

eu inicialmente conseguia fazer poucas conexões com os estudos feitos na universidade e a realidade local. Apresento a seguir a partir de dois episódios meus primeiros contatos com esse que era um “antigo novo” espaço para mim.

Início com a lembrança de um dia na primeira semana em que uma criança chegou sozinha na sala, nenhum adulto havia lhe acompanhado na escola, ele chegou atrasado e disse que havia se arrumado sozinho, quando perguntei o seu nome disse que era **“Luguinha”**<sup>1</sup>, procurei na chamada e não encontrei, tinha Luís perguntei se este era o seu nome e ele respondeu **“Não é Luguinha mesmo”**. Sabemos que a construção da identidade ocorre através da interação da criança com o seu meio social, portanto aqui cabe registrar que nesta comunidade as famílias no geral são numerosas e os filhos menores, como Luguinha, gostam de usar o nome ou apelido do irmão mais velho como representação de poder e liderança. No caso deste menino em específico, seu irmão é uma figura muito conhecida na comunidade, e usar o seu nome representava para o menino uma forma de reconhecimento ao irmão, bem como o pertencimento a um determinado e importante grupo local.

Em uma outra ocasião estávamos aguardando o sinal para sairmos da escola, haviam vários alunos passando e estava um pouco tumultuado, então disse para as crianças **“todo mundo encosta aqui no paredão”**, neste momento uma menina virou-se de costas colocou as mãos na cabeça e afastou as pernas, um grupo se uniu a ela e fez o mesmo, perguntei o que estava acontecendo e ela disse **“Tu pediu para fazer paredão, a gente fez é para polícia?”**, neste momento precisei conter a vontade de chorar, senti um golpe, olhei para eles e disse que eu só estava pedindo para ficarmos todos pertinho, a menina olhou para mim com uma expressão de alívio e disse **“A eu achei que tinha polícia vindo”**.

Outros episódios como estes descritos acima tornaram os primeiros dois meses muito difíceis, a realidade que as crianças estavam inseridas me impactava, eu achava um universo cruel, voltava para casa com sentimento de culpa porque eu saía de lá e eles permaneciam. Achava absurdo saber que eles estavam imersos em um ambiente tomado pela violência, que se manifestava das mais diversas formas. Algumas situações

---

<sup>1</sup> Os nomes e apelidos das crianças foram alterados devido a situação de vulnerabilidade social à qual estão expostos, preservando assim suas identidades.

me geravam revolta, medo e desespero. Algumas frases me deixavam sem reação: *“Meu pai tá preso há muitos anos”, “Minha mãe levou uma facada”, “Na minha casa não tem nada para comer”, “Os porcos<sup>2</sup> pedalaram a minha casa”, “lá em casa não tem banheiro”, “Deu tiro na vila”, “Minha mãe levou um pau da polícia”, “Eu não quero morrer”*. Comecei então a perceber que eu precisava me fortalecer, caso contrário eu não iria contribuir com novos repertórios de relação, aprendizagem e cuidado para essas crianças. Eu não estava conseguindo enxergar nada além de crianças imersas em um ambiente de alta vulnerabilidade e de tudo que lhes faltava, mas sabia que era preciso acolhê-las, olhar para elas com empatia e confiança. Segundo Bassi (2015):

“A empatia ativa multiplica a potência de sentir e agir. Desempenha um papel fundamental na criação de novas ideias e na transformação da realidade, já que significa a capacidade de compreender os problemas complexos de hoje sob muitas perspectivas e a capacidade de colaborar para resolvê-los. Também significa ser capaz de ouvir as ideias dos outros tanto quanto articular as suas próprias; ser capaz de liderar uma equipe num dia e participar como membro da mesma equipe no outro. Demanda capacidade para conhecer seus próprios sentimentos e ideias a fim de conhecer os sentimentos e ideias dos outros” (BASSI, 2015, p. 10)

Quando comecei a fazer este exercício, passei a ouvir uma voz que talvez por tentativa de me proteger eu tenha tentado silenciar durante alguns anos, era a Caroline criança me lembrando de onde eu vinha, lembrando que eu também havia passado por situações nada confortáveis, talvez não na mesma proporção que meus alunos, mas eu também tive uma infância com algumas situações bem delicadas. Meu pai que enfrentava problemas com alcoolismo, privava a minha mãe de estudar e durante muito tempo eu presenciei a minha mãe sofrer violência doméstica. Lembro que minha mãe ia muito na escola, meu pai, foi apenas uma vez quando eu tinha 13 anos de idade. Por sorte passou por minha vida escolar na educação Infantil uma professora incrível, que de alguma forma captava o que eu passava, apesar da minha mãe tentar mascarar a nossa realidade para não se expor tanto. Lembro que uma vez meu pai locou um filme de um peixe na locadora e mandou para escola, pois estávamos estudando sobre o fundo

---

<sup>2</sup> Apelido pelo qual os moradores locais costumam nomear os policiais.

do mar, cheguei muito feliz com o filme, a professora organizou uma carta para agradecer ao meu pai, aquilo foi tão importante para mim, pois por mais que ele fizesse coisas ruins ele era uma figura que tinha grande significado.

Lembrei desta história no dia que uma criança me contou que o seu pai estava preso e ela estava com muita saudade, mas não podia visitá-lo no presídio, pois, sua mãe havia se desentendido com os policiais. A menina chorava muito e dizia que sentia falta do pai, a mãe dela me procurou alguns dias depois para compartilhar que havia ocorrido e pedir ajuda, pois Luana estava muito sensível. No dia seguinte propus a ela que preparássemos algo para ela presentear o seu pai quando pudesse voltar a visitá-lo, ela gostou da ideia e disse *“Tu me ajuda a fazer uma carta?”*. Neste momento recordei da minha história, me dei conta que apesar do pai dela estar precisando cumprir pena ele representava uma figura de afeto e que eu não devia fazer julgamentos, mas sim tentar ajudar a fortalecer esta relação de alguma forma, proporcionando um pouco de proteção e carinho para ambos. Juntas criamos uma carta e um envelope, posteriormente ela levou para casa e disse que assim que a visita fosse autorizada iria entregar. A mãe de Luana me procurou dias depois para falar da felicidade que a menina havia expressado por ter feito uma carta com a professora para presentear o pai e que também havia falado que poderia fazer novos desenhos e palavras para colocar dentro do envelope. Percebi que havia ajudado Luana a encontrar uma estratégia para lidar e expressar os sentimentos que a mobilizavam.

Estes momentos de escutar a mim mesma, de revisitar a minha infância foram muito importantes, me deram ânimo e a certeza de que meus alunos poderiam me ensinar e me ajudar a acomodar algumas coisas, ou seja, não estava ali para consertar nada, ou sequer poderia pensar em conteúdos escolares tradicionais, antes de estabelecer com esse grupo de crianças tão pequenas, e já com imensos repertórios de sofrimento e aprendizagens de uma vida cotidiana “invisível” para tantas pessoas, vínculos e aprendizados do campo emocional. Como define Leão (2015),

“A Inteligência de Liberar liberta o outro dos rótulos, entende que o outro é um ser livre, repleto de possibilidades, e que aquilo que ele apresenta para nós é uma delas, à qual ele chegou por vários motivos. Voltamos, assim, para a Sabedoria do Acolher, e compreendemos o outro no mundo dele. Desse modo, a Inteligência da Liberar liberta o outro dos rótulos, mas também nos liberta de nossas ideias

preconcebidas em relação ao outro e a nós mesmos.” (LEÃO, 2015, p.64)

Passei, então, a olhar a eles e suas famílias sem julgamentos, tentando encontrar possibilidades e potencialidades. Foi quando me transformei, reinventei a minha prática e descobri novos caminhos.

### **“*Eu sei o caminho de casa*”: a potência das infâncias dos meninos e das meninas em contextos de vulnerabilidade social.**

Dewey dizia que as crianças não estão em alguns momentos sendo preparadas para a vida e, em outros vivendo (DEWEY, 1975), de fato para que possamos escutar verdadeiramente as nossas crianças precisamos lembrar desta afirmação sempre. Acabei me dando conta que não seria possível estar em relação de fato com as crianças sem me relacionar também, em determinada medida, com as suas vivências fora do espaço escolar, até porque em muitas ocasiões eles compartilhavam essas experiências dentro da escola e de alguma forma eu precisava acolhê-las.

Claro que eu continuava muito chocada com alguns relatos, em determinados momentos queria me distanciar daquela realidade cruel e também tentei por algumas vezes distanciar as crianças daquilo, foi quando percebi que eu estava sendo egoísta e tendo uma prática totalmente arbitrária já que no meu discurso dizia do “escutar as crianças”, que escuta é essa que não consegue suportar ouvir o sofrimento e as angústias do outro? Precisei redefinir caminhos e objetivos, me confrontei com muitas inquietações, afinal na universidade eu havia lido muito sobre infâncias, participação das crianças, escuta, mas nunca tinha tido uma experiência como esta, estar em relação com aquele grupo de crianças, inseridos naquele contexto social era algo muito novo.

Em determinadas situações precisei usar de uma postura transgressora ao que normatizava a escola, como no dia em que às 20:00h na escola, quando saí de uma reunião encontrei um menino que ainda permanecia aguardando a sua família, visto que as tentativas de ligações telefônicas para seus familiares haviam sido todas frustradas. Ao me ver sair da reunião correu ao meu encontro e disse **“*eu sei o caminho de casa, não me deixa aqui, me leva lá. Eles devem estar dormindo*”**. Eu sabia que o politicamente correto era não levar, mas transgredi a regra e acompanhei ele até em casa

juntamente com uma colega que disse que não iria me deixar fazer isso sozinha. Chegando lá a irmã abriu a porta e se desculpou, pois havia imaginado que alguém tinha ido buscá-lo e ido brincar na “vila”. Retornando da casa do menino, encontramos a mãe dele que vinha segurando sua filha menor, um bebê de colo e ao lado dela o filho mais velho, que alguns dias antes havia sido baleado. Ela então relatou que estava retornando de uma consulta médica.

Este episódio me fez refletir sobre os direitos das crianças. Sabemos que a lei garante que os meninos e as meninas tenham alguém que as proteja. Naquele momento era difícil para mim avaliar o significado de proteção. Minha escolha de levá-lo em casa deu-se em uma tentativa de amenizar mesmo que momentaneamente, a situação vulnerável que ele estava atravessando. Na universidade nunca havia discutido sobre isso, tão pouco em ciclos de formação. Eu sempre busquei conhecer a legislação para a infância, sobre regras da escola, sobre os procedimentos “adequados”, mas entre o certo e o humano o que escolher? Naquele momento a minha escolha deu-se exclusivamente pelo desejo de mostrar para ele que eu não iria deixá-lo, que ele não estava sozinho. Eu busquei estabelecer um elo de confiança, acolhimento e respeito conforme propõe Staccioli (2013)

“Uma confiança que não é abandono, autonomia equivocada da criança ou, ainda, desinteresse e negligência. Tornar concreto e cotidiano o princípio de que a criança ‘é sujeito de direitos’ e que tem direito ao respeito e ao reconhecimento das suas exigências (explícitas e implícitas) é, também, uma tarefa nada fácil. E não é fácil não apenas por causa das condições difíceis que, às vezes, caracterizam certos grupos ou certas situações escolares (por causa do número de crianças ou da presença de poucos professores), mas também porque o respeito é uma escolha que deve se estender ao contexto (a família, o ambiente) no qual a criança vive.” (STACCIOLI, 2013, p.27)

Em uma outra ocasião participei de uma proposta em que juntamente com um grupo de professores fomos levar os convites do aniversário de 15 anos da escola nas casas dos alunos. Neste dia eu tive a certeza de que eu sabia muito pouco a respeito deles e que precisava de muito mais tempo para poder de fato compreender o que eles compartilhavam comigo.

Ao longo da caminhada algumas crianças moradoras da região foram se unindo a nós, contando coisas sobre os lugares que íamos passando, narrando fatos que haviam acontecido naqueles lugares, sinalizando seus desconfortos, mas também tentando nos fazer prestigiar o belo que era presente em meio ao caos e pobreza. Eles nos mostraram uma árvore com uma copa linda repleta de casas de João de Barro, nos contaram sobre o projeto de uma casa religiosa que fazia atividades nos finais de semana voltadas para as crianças, mostraram as placas que algumas pessoas tinham criado para tentar evitar que colocassem lixo nas ruas, falaram sobre como ficava linda a rua quando a Paineira à cobria com suas painas ***“fica um tapete bem branquinho no chão, parece que a gente tem um tapete só nosso”***. E quando chegamos em um morro eles mostraram ***“daqui a gente vê o sol bem grande e forte, é o sol mais lindo”***.

As crianças me fizeram ficar admirando aquela paisagem por um tempo. Recordei do quanto sempre apreciei visitar o Gasômetro, talvez eles nem conheçam este lugar apesar do Pôr do sol no Guaíba ser considerado um cartão postal de Porto Alegre. As crianças me falavam de um sol que eu já havia apreciado muitas vezes em outro ângulo, me falavam também de um lugar até então desconhecido por mim, não tão alegre como eu desejava, mas que me provocava uma certa inquietação e desejo. Deixei-me conta que dentro de uma mesma cidade as perspectivas e experiências são diversas, mas que apesar de aquele pôr do sol ser bem menos conhecido ele embelezava igualmente as suas infâncias.

Eu também queria ver o sol mais lindo, eu também queria entender aquele lugar e saber mais sobre ele. Queria descobrir as coisas bacanas que aconteciam ali. Quase no fim da caminhada olhei na parede de uma casa e estava escrito “AMOR” era uma casa com paredes de compensado, aonde residem em torno de 15 pessoas, mas aquela palavra tomou conta de mim, eu precisava olhar com muito amor e empatia para todos que cruzassem o meu caminho naquela escola, só assim eu iria legitimar o direito de escuta e participação das crianças.

***“Aí eu garanti um lanche para todo mundo né sora?!”***: **Encontros com as crianças e suas potencialidades.**

No meio de tantas inquietações algo me despertava curiosidade e admiração. A capacidade das crianças em lidarem com a resolução de problemas e de elaborarem estratégias de ação. Eu ficava pensando como eles conseguiam ser tão proativos se não tinham as possibilidades julgadas por mim como básicas para o desenvolvimento infantil. Segundo Yunes o conceito de resiliência diz respeito a processos de superação de crises e adversidades vividos pelos sujeitos (YUNES, 2003) então percebi, que as adversidades eram encaradas desta forma pelas crianças, além de muita determinação e coragem, como torno visível nos episódios a seguir.

Em certa ocasião uma menina foi até o banheiro abriu a torneira e lavou o seu próprio par de tênis que estava sujo de barro, ela relatou que havia alagado a sua casa e que aquele era o único par de calçados que ela tinha desta forma precisava mantê-lo limpo. Esta situação do sapato me fez recordar de mais um episódio da minha infância em que eu havia ganho um par de tênis novos com luzes vermelhas, ele era um tênis branco. No caminho de casa até a escola, eu precisava passar por uma espécie de ponte, na verdade era uma tábua que haviam colocado sobre um valo para tornar o caminho mais curto, neste trajeto havia muito barro e eu acabei sujando o calçado. Ao chegar na escola e perceber que estava com o tênis muito sujo, comecei a chorar desesperadamente, não queria entrar suja na sala, era a minha chance de mostrar meu lindo par de tênis para a professora, eu tinha esperado por muito tempo para ganhar aquele calçado. Recordo da sutileza da professora conversando comigo na porta da sala, ela dizia que ia me ajudar a limpar, mas que eu podia chorar porque devia ser muito chato aquilo. Lembro que de repente ela deu um passo e encostou o seu calçado no meu sujando assim o seu sapato também, neste instante ela disse que juntas teríamos que ir até o banheiro limpar nossos sapatos. Recordo perfeitamente da cena, nós duas rindo e limpando os calçados.

Nesse sentido, “a empatia depende de uma ambiência que promova múltiplas interações, possibilidades de diálogo, de reflexão, de construção coletiva entre pessoas diferentes.” (Natacha Costa- pg37). Pensei muito sobre a necessidade de nós adultos agirmos com base no conceito de empatia frente às necessidades de nossos alunos. As minhas lembranças da caminhada escolar quando crianças me afirmam que deixamos memórias muitos latentes na vida dos nossos alunos.

Assim, fui realizando este exercício de me colocar no lugar das crianças, e elas acabavam me ensinando muito sobre solidariedade e empatia. Como no dia que um dos

meninos chegou com muitas balas em um saco plástico e começou a partilhar com todos os colegas, ele relatou que havia ido em uma casa de religião e tinha ficado na fila para ganhar **“*aí eu garanti um lanche para todo mundo né sora!*”**. Outro dia um menino chegou na escola com o chinelo menor que o tamanho do seu pé e com um prego e cordão amarrando as tiras, no dia seguinte uma professora da escola fez a doação de um calçado do seu filho para ele, ao receber a doação ele disse **“*que bom agora possa dar o meu para o Luciano, ele não tem chinelo*”**. Estas ações das crianças me faziam lembrar muito do filme Crianças Invisíveis- A infância perdida<sup>3</sup>. Antes de eu pertencer a esta escola, jamais havia parado para pensar de forma efetiva que tão perto existem crianças que não estão tendo a infância com os seus direitos garantidos, tão pouco com suas potencialidades evidenciadas. Lembro-me que ao assistir o filme em uma das aulas do curso de pós-graduação, que estou finalizando com a produção deste relato, me senti triste, porém este sentimento ao assistir um filme, ouvir uma notícia ou algum comentário sobre as situações em que as crianças estão expostas é muito diferente do que sentimos quando estamos ali. Pois, fazer parte daquele cotidiano e ter que dividir espaço com aquelas situações dentro da escola nos faz abrir verdadeiramente os olhos, enxergar e acolher os problemas e dificuldades e, tornar visível primeiramente para nós mesmos, e depois para as crianças (e para a comunidade escolar) as suas potencialidades, afim de empoderar e legitimar a autoria dos meninos e das meninas na significação das suas experiências de infância.

No mês de maio estávamos realizando diversas ações para a Semana Mundial do Brincar e um menino contou que sabia fazer Pipas de Sacola, que havia aprendido com o seu pai. No dia seguinte ele chegou na escola com algumas sacolas e um cordão e começou a mostrar para os colegas como poderiam fazer. Foi um momento em que ficou evidente a potência daquele lugar e como as crianças produzem cultura ao compartilharem suas experiências. Além disso, é fundamental que as famílias das crianças tenham um lugar visível e legítimo para com seus saberes na vida escolar de seus filhos, nesse sentido Costa (2015) assegura que uma

“concepção mais abrangente e sistêmica de educação, dois pressupostos são fundamentais. O primeiro diz respeito à compreensão de que o processo educativo não se restringe à escola: aprendemos em diferentes lugares, com diferentes pessoas, de diferentes formas, ao longo de toda a vida. Assim, quanto mais ricas e

---

<sup>3</sup> Filme produzido pela UNICEF no ano de 2005 disponível em DVD.

diversificadas forem nossas interações e quanto mais qualificada for a reflexão acerca dessas interações, maior a capacidade das pessoas de compreender, de se relacionar e intervir no mundo.” (COSTA, 2015, p.35)

Outro episódio trata do momento em que minha habilidade de tomar decisões rapidamente foi posta em teste, para revelar também como as crianças podem ajudar em momentos inesperados de nossa prática docente. Estava indo ajudar um menino no banheiro, quando um outro menino saiu da sala, correu até o pátio da escola e avistei pela janela quando ele começou a tirar toda a roupa dentro da caixa de areia. Eu não sabia bem o que fazer naquele momento, afinal de contas estava sozinha com toda a turma, precisava buscar o menino no pátio, ajudar o que estava no banheiro e não deveria deixar a turma sozinha na sala. Fiquei assustada e enquanto pensava no que fazer primeiro Luísa, uma das meninas da turma, me diz que podia ajudar e que eu fosse buscar o colega e ninguém ia fazer bagunça. Eu saí para buscar o menino que estava na caixa de areia e quando retornei para sala, Luísa havia providenciado papel higiênico para o colega que estava no banheiro, e então me disse ***“Eu cuidei de tudo, ninguém fez bagunça aqui, eu falei para todo mundo que o Davi precisava muito de ti. Sabe né não briga com ele, tá tudo bem, eu acho que ele ainda está aprendendo as regras desse lugar”***. Naquele momento, lembrei de um livro, de Janusz Korczak – grande defensor dos direitos das crianças - que fez parte de minha formação docente, um romance no qual o autor com enorme sensibilidade retrata o universo das crianças através de um personagem, professor, que acorda tendo novamente oito anos de idade e no decorrer da história nos revela sobre elas:

“Seríamos capazes de dar uma porção de bons conselhos, se apenas os adultos nos perguntassem. É evidente que nós sabemos melhor o que nos aflige, que temos mais tempo para estudar os nossos problemas e refletir sobre ele, que nos conhecemos melhor a nós mesmos, que estamos mais frequentemente reunidos com nossos semelhantes. Uma criança pode não saber grande coisa, mas no seu grupo aparecerá sempre alguém que sabe mais do que ela. Nós somos os especialistas em matéria de nossa vida e de nossos problemas. Só ficamos calados porque não sabemos o que é permitido dizer e o que não é (KORCZAK, 1981, p.135)

Em uma outra ocasião estávamos finalizando uma pintura, eu fui pegar um pano para limpar a mesa e quando retornei me surpreendi, pois, as crianças já haviam feito a

limpeza das mesas e um grupo estava dirigindo-se ao banheiro para limpar os pincéis e os potinhos em que havíamos colocado as tintas. Aquela era a nossa primeira experiência com aquele material, de fato eu havia esquecido de deixar separado o pano para limpeza e fui pegar no armário, mas as crianças estavam tão envolvidas naquele processo que a organização também se tornou prazerosa e natural para elas. Neste instante pensei sobre a ideia de processos, de fazer efetivamente parte, de pertencer. Vasconcelos (2015) afirma que,

“o conteúdo de aprendizagem da escola infantil deve estar atrelado às situações da vida cotidiana, que são os conhecimentos úteis para as crianças durante sua infância e que servirão como andaimes para aprendizagens mais complexas.” (VASCONCELOS, 2015, p.43).

As crianças me sinalizavam o tempo todo que as coisas do cotidiano provocavam aprendizagens coletivas e individuais extremamente importantes. Encontrar estratégias para resolver conflitos, ajudar o outro, reorganizar um espaço entre tantas outras coisas que aconteciam fugiam daquela ideia que muitas vezes ainda se faz presente na escola em que as folhinhas e as produções dão conta das aprendizagens. Era evidente que as crianças elaboravam teorias, estabeleciam relações e conceitos a partir de suas experiências prévias, mas também que o fato de lhes darmos efetivamente espaço para que elas pudessem ser autoras dos processos de aprendizagem legitimava que o cotidiano fosse visto como o maior condutor do currículo para infância.

### ***“Como tu sabe que faltei tanto?”: escola se faz no coletivo***

Aos poucos fui percebendo que sozinha eu não teria forças, era necessário criar uma rede de apoio, eu precisava me conectar com outras pessoas. Esse pensamento não surgiu sozinho, nem foi uma brilhante ideia, ele começou a me acompanhar quando eu passei a prestar mais atenção nas pessoas que cruzavam comigo e com as crianças todos os dias. Fui percebendo que outros adultos também tinham um papel de acolhimento na vida daqueles meninos e daquelas meninas, que muitas vezes construía aprendizagens repletas de significado e que em algumas ocasiões conseguiam preencher lacunas das suas próprias experiências de vida quando se empoderavam em relacionar-se de fato com as crianças.

Lembro do dia em que a cozinheira da escola abraçou um menino após ele ter faltado por vários dias e disse que havia sentido falta dele, ele olhou para ela e perguntou *“como tu sabe que faltei tanto?”* e ela respondeu *“é que não te vi e a tia sempre te serve e conversa contigo”*. Eu não havia sinalizado nada sobre a ausência dele para ela, de fato ela havia prestado atenção e no meio de tantos alunos, de tantas turmas<sup>4</sup>, fez questão de mostrar para aquela criança que sua presença era importante.

Em outro momento uma das responsáveis pela limpeza na escola, elogiou o cabelo de um menino e ele falou que estava assim, pois havia tomado banho, mas sem sabonete, porque tinha acabado, ele seguiu relatando que queria muito um sabonete para poder se lavar. No dia seguinte ela levou um sabonete e presenteou ele. Lembro também do dia em que uma criança estava muito chateada, não querendo entrar na sala e essa mesma funcionária responsável pela limpeza se aproximou e perguntou *“posso te ajudar?”* A criança inicialmente gritou, mandou ela sair. A senhora fez isso e de longe disse *“Tudo bem se quiser conversar, eu estou aqui”*, a menina parou de gritar dirigiu-se até a senhora e ficou olhando, elas começaram a conversar sobre as tarefas que ela estava realizando, até que a menina conseguiu falar o que estava lhe provocando desconforto. Staccioli nos deixa evidente a importância do acolhimento. “Acolher uma criança é, também, acolher o mundo interno da criança, as suas expectativas, os seus planos, as suas hipóteses e as suas ilusões”. (STACCIOLI, 2013, p.28)

Olhares singulares, de pessoas que não são professores, intitulados por mim de parceiros pedagógicos, em muitos momentos me deram força para continuar. Cabe destacar que esta turma era considerada uma das mais difíceis da escola, talvez por todo contexto que estas crianças estavam inseridas, mas aos poucos fomos ressignificando este estigma.

Recordo ainda das inúmeras vezes em que as colegas responsáveis pelas turmas integrais do Ensino Fundamental dividiram comigo o quanto havia sido difícil para elas também chegar àquela realidade, mas o quanto sentiam-se felizes por fazer parte daquela história. Enquanto elas compartilhavam suas dificuldades, algumas experiências e procuravam sempre estar por perto, a sensação que eu tinha era que criavam uma rede de proteção buscando me apoiar e não me deixar desistir. Um dia uma delas me disse *“é*

---

<sup>4</sup> A escola tem 936 alunos matriculados e destes aproximadamente 600 passam pelo refeitório onde o encontro com as cozinheiras e merendeiras acontece.

*muito sério que algumas vezes eles não conseguem brincar, tudo porque acabam explodindo sem conseguir falar. Me dói ver a angústia destas crianças”*, tempos depois juntas comemoramos o fato de percebermos o quanto eles estavam criando enredos para suas brincadeiras e nomeando as emoções que sentiam. Se para nós adultos muitas vezes o ato de falar sobre emoções dentro do nosso círculo de relações já é complicado, imaginem para as crianças que estão desbravando o mundo e tendo que aprender a lidar com limites, frustrações e tantas outras situações.

Em uma das reuniões com a supervisora pedagógica, professora volante, professores especializados<sup>5</sup> e orientadora para pensarmos em estratégias que nos ajudassem com a turma, afinal as questões de agressividade estavam muito latentes no grupo, a proposta inicial foi separar o grupo, não conseguíamos pensar em nada além disso. Após muitas conversas, muitas trocas, muito olho no olho concluímos que não iríamos resolver nada, apenas dissolver o problema. Juntos então decidimos compartilhar as estratégias que cada um usava, nos permitimos falar sobre a prática do outro e avaliá-la sem críticas e julgamentos. Destaco que a partir daquele encontro nosso grupo ganhou uma identidade coletiva. Nos fortalecemos enquanto equipe e nos permitimos reconhecer nossas inquietações. Elaboramos novos roteiros e seguimos.

Seguimos tentando fortalecer laços. E por falar em laços, recordo-me do dia em que falei para a professora volante que uma menina da nossa turma estava relatando com frequência que sentia vergonha do seu cabelo, por que ele era curto, não tinha como prender. No dia seguinte esta professora separou em uma sacola diversos acessórios para cabelo e me entregou dizendo *“Divide com nossa turma, não precisa falar que fui eu, espero que a Taiete goste de algum”*. Agradei e levei para sala, chegando lá mostrei o que havíamos ganhado e Taiete logo disse *“eu vou ter um?”*, quando afirmei que ela poderia escolher um a menina pegou um laço vermelho foi até o espelho, ajeitou o laço no cabelo e após se admirar por alguns instantes disse *“Sora olha o meu cabelo, agora ele está lindo.”*. Aquele laço era mais que um enfeite de cabelo, aquele laço representava o nosso laço enquanto equipe, aquele laço representava um laço de acolhimento e de tentativa de proporcionar dias mais felizes às crianças.

---

<sup>5</sup> São chamados professores especializados na rede municipal de Porto Alegre aqueles que atuam na área de Educação Física, Artes, Hora do Conto completando junto com a professora referência a grade curricular das turmas.

Um dia eu estava usando uma pulseira que continha a palavra “AMIZADE”, um menino se aproximou e perguntou o que estava escrito e se eu havia comprado aquela pulseira. Falei que eu havia ganho de presente de aniversário de uma amiga que também era professora e que eu também havia ganho de um outro colega uma doação com muitas pulseirinhas de silicone que tinham palavras diversas escritas. Ele logo disse **“as profes todas querem que todo mundo seja amigo né sora?”**. A seguir, ele se afastou e ficou bem chateado, me aproximei dele e perguntei o que estava acontecendo, na verdade eu sabia que ele atravessava um momento delicado e que estava reagindo de forma muito agressiva na escola, fazendo com que muitos colegas se afastassem dele. Perguntei como eu poderia ajuda-lo e ele disse **“eu podia ver a tua coleção de pulseirinhas que tu tem que ganhou do teu amigo?”**. As pulseirinhas estavam guardadas em uma caixa no armário da escola, peguei a caixa e mostrei para o menino, a cada palavra ele ia atribuindo conceitos. Teve um momento que ele pegou uma pulseira que estava escrito “Esperança” logo ele falou **“Ah um dia minha mãe disse não tem mais ajuda para mim, que já perdeu a esperança”**. Questionei o que entendia sobre essa esperança e ele disse **“se não tem mais ajuda eu acho que deve ser algo assim que acaba, tipo uma rua sem saída”**. Eu falei então que talvez a sua mãe estivesse chateada com as atitudes que ele estava tendo e, também com tudo que estava acontecendo na sua casa. Questionei o que ele faria se entrasse em uma rua sem saída e ele logo respondeu **“virava e começava a andar para outro lado”**. Neste instante eu disse para ele que poderíamos fazer isso juntos, que ele podia tentar de um outro jeito. Ele ficou com a pulseira da esperança e eu dei-me conta da importância de sinalizar e reforçar para aquela mãe que juntas precisávamos recomeçar o caminho. Conforme afirma Beguoci (2015), p.45:

“Se acreditamos que, de fato, a escola deve ser aberta para a comunidade, precisamos investigar a fundo quem são as pessoas da escola, da comunidade, e que vínculos, de verdade, elas podem ter entre si. Empatia não é apenas se colocar no lugar dos outros. É escutar os outros para construir algo junto com eles. Muitos de nós, que trabalhamos com educação, podemos ser facilitadores desses diálogos. Não somos protagonistas, mas podemos ser ótimos coadjuvantes, tradutores de mundos que se enxergam, mas não se ligam.

Foi tão bom quando descobri que eu não estava sozinha. Às vezes tudo que precisamos é nos permitir enxergar além, além das paredes da sala, além dos muros da escola, além das dificuldades, além de nós mesmos.

## **Conclusão**

Após uma caminhada de um ano com esse grupo de crianças sinto que tenho um maior entendimento sobre o real significado do termo “infâncias”, são múltiplas e ao mesmo tempo tão singulares, são recheadas de histórias, de sentimentos, de acontecimentos e de instantes. Instantes esses que às vezes ecoam de forma intensa gerando agitação, desconforto, ansiedade, silêncio, agressividade, choro, riso. Instantes marcados pelos encontros diários, do cotidiano, repletos de significado. Instantes como aquele que nos reunimos para apreciar o sol.

Acredito que a relação com as infâncias das crianças, bem como a memória da minha, dos meus parceiros pedagógicos, da equipe escolar, ajudam a constituir quem somos hoje. E tenho certeza de que todos os instantes vivenciados por estes meninos e por estas meninas irão fazer parte de suas memórias quando tornarem-se adultos. Assim, torna-se nosso papel garantir que eles tenham boas recordações da sua vida escolar.

Janusz Korczak (1981, p.146), nos lembra que “o tempo na escola corre rápido demais, como se tivesse por trás alguém com um chicote, apressando”, porém com estas crianças aprendi a desacelerar, pode parecer estranho isso, afinal como um grupo que era considerado um dos mais agitados da escola proporciona tantas aprendizagens sobre pausas e silêncios. Eles me ensinaram a ouvir mais do que falar, a conhecer mais do que julgar e principalmente a desejar viver cada instante com eles.

Atualmente estou com uma turma de Educação Infantil na parte da manhã e no turno da tarde atuo na orientação escolar. Dia destes um menino que fazia parte da minha turma no ano anterior se aproximou e disse “*quem é o mais comportado e o mais bagunceiro sora?*”, questionei o que ele achava e ele respondeu “*Eu vejo todo dia aquele menino empurrando alguém, ele precisa aprender a falar o que sente*”, logo ele se distanciou e saiu. Em uma outra ocasião ele me chamou e perguntou “*Tu é sora*

*do SOE<sup>6</sup> agora?”* quando respondi que sim ele disse que estava tentando ficar bem, que estava fazendo tudo direitinho, que não queria que eu tivesse que levar ele no SOE. Neste momento percebi o quanto esta criança está se esforçando para controlar suas reações e o quanto é significativo para ele o fato de eu ser a professora que atende os alunos que *“bagunçam na escola”*, esta é a definição dada por ele. Ficou claro que o tecemos uma história juntos.

Então fiquei pensando sobre esta imagem que ele elaborou sobre este lugar e resolvi falar que eu ficaria muito contente de receber um dia a sua visita no SOE para que ele me contasse algo bacana que aconteceu na aula, destaquei que aquela sala na maioria das vezes recebia problemas sim, mas que seria muito bom conseguir saber um pouco das coisas legais que estão acontecendo. Por falar nessas coisas uma imagem não sai da minha cabeça, momento do recreio, as turmas da Educação Infantil ficam em um pátio e as do Ensino Fundamental em outro, observo um menino sentado ao lado da grade segurando a mão de uma menina, me aproximo e dou oi, ele fica assustado e tenta se explicar, digo que está tudo bem ele esboça um sorriso e diz *“ela é minha irmã, é nova no Jardim, eu venho sempre ver ela nesta hora”*. Cotidiano recheado de maravilhas e aprendizagens, cotidiano desafiador. Meu olhar sobre este cotidiano, sobre este lugar é outro agora, tanto que fiz a escolha de permanecer turno integral dentro desta escola. Pois, foi neste lugar que aprendi muitas coisas, especialmente o significado das palavras de Tonucci, a seguir:

“Penso que ser mais infantil possa querer dizer, primeiramente ser mais sérios: sérios e comprometidos com uma criança que brinca. Ser capaz de compreender quão importante foi para a criança ter conseguido apresentar uma ideia sua a um conselho real de adultos que pode acolhê-la e realizá-la. Ser mais infantil quer dizer aprender a compreender as crianças para além da aparente simplicidade daquilo que elas dizem, porque quem diz coisas simples quase sempre diz coisas importantes. Ser mais infantil, quer dizer ser mais humilde e reconhecer que, para falar com uma criança, para escutá-la e para levar em consideração aquilo que ela diz, é preciso comprometer-se e aprender. (TONUCCI, 2005, p. 170-171).

As crianças desta escola, ofereceram clareza para muito do que estudei e conheci durante o curso de especialização em Educação Infantil, e acima de tudo, me fizeram acreditar que tenho muito ainda para aprender neste lugar, tenho muitas coisas minhas para melhorar, tenho tantos novos parceiros ainda para encontrar, tenho tantos outros

---

<sup>6</sup> SOE é a sigla para o Serviço de Orientação Educacional

cartões postais para ajudar a tornar visíveis e por isso, compartilho este relato, esta experiência que muito me transformou.

## REFERÊNCIAS

- BASSI, Flavio. A potência e a alegria de agir. In: ALANA INSTITUTO. **A importância da Empatia na educação**. São Paulo: Editora Alana Instituto. p.6-11. Disponível em: [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 10/04/2018.
- BEGUOCI, Leandro. Qual é o nome da escola pública mais perto da sua casa? In: ALANA INSTITUTO. **A importância da Empatia na educação**. São Paulo: Editora Alana Instituto. p.42 -47. Disponível em: [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 10/04/2018.
- COSTA, Natacha. Educação e empatia: caminhos para a transformação social. In: ALANA INSTITUTO. **A importância da Empatia na educação**. São Paulo: Editora Alana Instituto. p.34 -37. Disponível em: [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 10/04/2018.
- DEWEY, John. **Vida e educação**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- LEÃO, Fernando. Relações se estabelecem por empatia. In: ALANA INSTITUTO. **A importância da Empatia na educação**. São Paulo: Editora Alana Instituto. p.60 -64. Disponível em: [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 10/04/2018.
- STACCIOLI, G. **Diário do acolhimento** na escola da infância. 1. Ed. São Paulo: autores associados, 2013.
- TONUCCI, F. **Quando as crianças dizem**: agora chega! Porto Alegre: Artmed, 2005.

VASCONSELOS, Almeida Queila. **Crianças bem pequenas no cotidiano da escola:** tecendo relações entre participação e interesses de aprendizagem. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015, 148f.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia Positiva: o foco no indivíduo e na família.** Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>. Acesso em: 12 abril. 2013